

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANABARA

DATA: 15/9/1971 AUTOR: CELINA LUZ

TÍTULO: IVÃ SERPA, O INTERÊSSE NO MOMENTO

ASSUNTO: _____

Fala Ivan
para o livro

IVÃ SERPA, O INTERÊSSE NO MOMENTO

JB 15/9/71

CELINA LUZ

Uma paisagem com árvores é o primeiro desenho: 1947. Depois vêm os outros, traços leves ou fortes, cores violentas ou suaves, até chegar aos últimos desenhos, grandes, em preto e branco. Em uma vitrina horizontal, a anti-biografia: todos os dados, dando a impressão de manuscritos, cuidadosamente riscados. Há também o antilivro, nas mesmas condições. E o conjunto, com 130 desenhos, compõe a retrospectiva de Ivã Serpa apresentada no Museu de Arte Moderna. Exposição que êle, quase o antiartista, já acha obsoleta.

COMEÇANDO a desenhar num tempo em que dava aulas particulares de Francês, Ivã Serpa o fazia como passatempo, "porque tinha vontade, sem intenção de fazer arte." Um acaso levou-o a assistir a uma aula do professor austríaco Axel Leskcochek, em 1947, e daí veio o gosto. Um contato "dos mais proveitosos" com Mário Barata e o trabalho na seção de restauração da Biblioteca Nacional, muito correlato com o que fazia, acabaram por levá-lo definitivamente a ser artista.

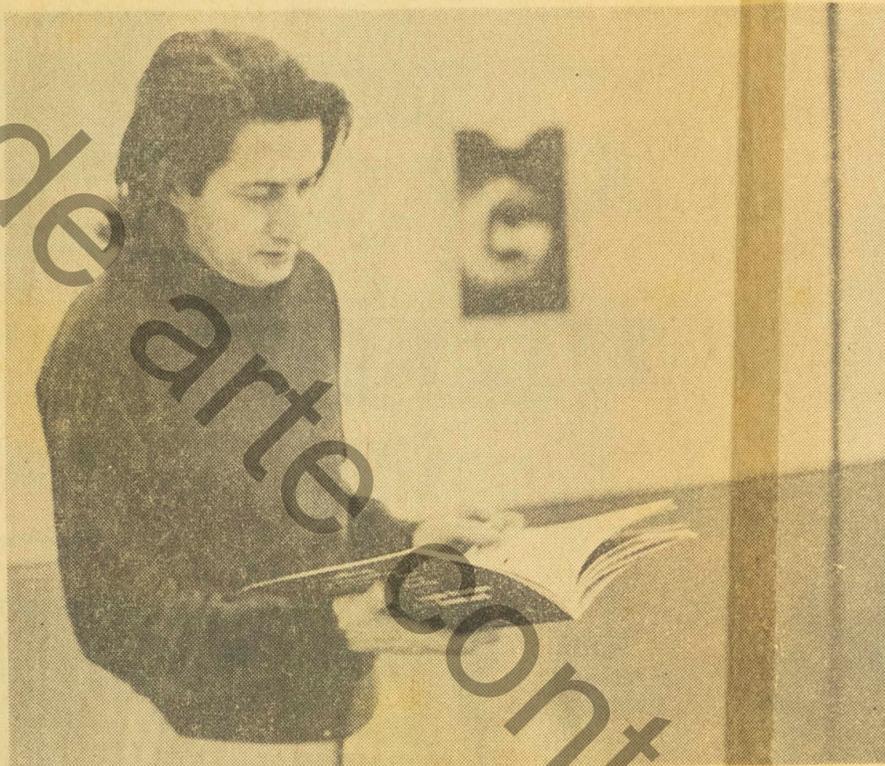
Agora, com uma retrospectiva de desenhos no Museu de Arte Moderna, começando em 1947 e vindo até este ano, Ivã Serpa define a sua condição que, diz êle, não é a de artista.

— Gosto de minha condição de vida. Não faço essa diferenciação. Julgo-me simplesmente um homem como outro qualquer. Fazendo o que estou fazendo. Não existe a aura. Faço tudo o que os outros fazem, só que também pinto. Vou a futebol, brinco com meus filhos. Acho que se deve tirar essa aura de artista, de ser intocável. Não é nada intocável, é um homem como outro qualquer. Nada de eleito, porque então vem o vedetismo e aí acho que é nojento. Não acredito em estalo, só acredito é no trabalho.

O que a época comporta

Esta retrospectiva apresentada pelo MAM foi programada há um ano e meio. Se fosse agora, Ivã Serpa não o faria mais.

— Fiz várias exposições, bienais, salões. Depois do Prêmio de Viagem, isso tudo se tornou obsoleto. Só acredito em pintar, fazer objetos, pesquisas. Talvez pela própria época, que não comporte mais essas coisas. Penso num atelier de exposição permanente do artista, ao qual vão as pessoas que se interessam por arte. E compram ou não. Isto não quer dizer que é atitude comodista. Atualmente



Expondo 130 trabalhos de várias fases, Ivã Serpa afirma que cada época tem sua própria escala cromática

me preocupo com os problemas de arte com muito mais seriedade do que antes.

Professor no Museu de Arte Moderna e no Centro de Pesquisa de Arte, Ivã Serpa não impõe nada a ninguém nem aceita nenhuma imposição.

— Exatamente por isso é que não dou mais aulas. Só dou informações sobre os problemas artísticos que estão ocorrendo no mundo inteiro. Não sou professor de Pintura e nem quero ser. Mesmo quando dou propostas de técnicas, procuro mostrar que essas técnicas podem variar ao infinito. Elas também não são limitadas, não são rígidas. Tudo depende do indivíduo, do ambiente.

A ausência de preconceito

Pai de Yves — nome dado em homenagem à tia francesa que o criou e que o chamava assim — de Leila e Heraldo, Ivã Serpa mora no Méier.

— Comprei uma casa lá. Assim como foi no Méier, podia ser em qualquer outro lugar. Não tenho preconceito não. Tenho atelier em casa, trabalho lá. Mas trabalho em qualquer lugar e acho que o lugar é o que menos importa. Estou em todos os ambientes, com todas as pessoas de tô-

das as cores. Acho que todas têm ótimas qualidades e péssimos defeitos. E ninguém escapará disso. Sempre pensei nas coisas com certa ordem. Nunca procurei ultrapassar os limites de minhas poses. Nunca precisei ficar em dependência total. E deu para equilibrar. Centenas de pessoas me ajudaram e centenas procuraram me prejudicar. Mas isso não tem importância. Passei pelas tormentas e hoje o mar está... sereno não, porque não o quero sereno. Está um pouco encapelado até que venham os primeiros vagalhões.

São 130 os desenhos de Ivã Serpa expostos no MAM, onde ficarão até outubro. Poucos de cada fase, todos com a mesma moldura prateada e discreta "para não interferir na obra." Mas êle já está pensando no que vai fazer.

— Não vou fazer mais desenho agora. Acho que pintura e objetos também. Essa pintura vai ter cores e pessoas que tenho observado. Ou seja, as cores de determinadas pessoas em determinados momentos.

Essa relação cor-ser humano é o que mais está interessando ao artista atualmente.

— Estou pensando no desenvolvimento de pesquisas com as crianças,

sobre a influência da cor na pessoa humana. Uma pesquisa que não pode ser feita de uma hora para outra. Envolve vários problemas, inclusive o da observação das pessoas diante de certas cores em certos dias. Já observei essa influência até sobre o estado físico. E não exatamente as cores, mas suas intensidades, podem determinar a indecisão, a euforia, a depressão. Isso é muito importante, principalmente para mim que trabalho com crianças. Essas pequenas variações existem até quando se compra um quadro, cuja escolha está relacionada com o estado de espírito do comprador.

Concessão é uma coisa que Ivã Serpa não conhece.

— Nunca fiz nem farei concessão. Sempre tive isso. Durante a guerra, tive contato com Georges Bernanos no Comitê da França Combatente. Foi importante. Êle sempre dizia: "É melhor não agradar mas ser autêntico." Foi um conselho que êle me deu num momento de formação, que vale até hoje. Sei de antemão quando faço um quadro que não vai agradar ao público. Mas isso pouco me importa, tenho de agradar a mim. Tanto que fiz desenhos que o público nunca supor-tou e, por experiência, coloquei determinadas cores que êle gosta. E várias pessoas queriam comprar, mas não vendi, pois era uma experiência para testar a reação.

A necessidade da vivência

As próprias crianças que estudam com Ivã tiveram comportamento melhor em relação a si próprias quando êle empregou certas sequências de cores.

— Cada época tem sua escala cromática, que se revela de acordo com a vivência de cada um. Não pode ser catalogada, porque seria academizar. Da para ver a reação da pessoa em relação a coisas que até ela ignora. Ela escolhe pensando ser por gosto pessoal, sem saber que está revelando, naquele momento, o que se passa dentro dela.

— Agora, o desenho acabou — conclui o artista. — Não interessa mais. O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momento em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe, mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que êles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão força para outros embates. Não me entrego não. Vou até o final.

por ser pinto de artista físico